

# DERRUBANDO FRONTEIRAS: A CONSTRUÇÃO DO JORNAL A PLEBE E O INTERNACIONALISMO OPERÁRIO EM SÃO PAULO (1917-1920)

## *BREAKING FRONTIERS: THE CONSTRUCTION OF THE NEWSPAPER A PLEBE AND THE WORKER INTERNATIONALISM IN SÃO PAULO (1917-1920)*

Kauan Willian dos SANTOS\*

**Resumo:** O jornal *A Plebe* foi um dos mais importantes vetores comunicacionais no interior das manifestações grevistas em São Paulo no final da segunda década do século XX. Um viés pouco explorado pelos estudos que o estudaram é sua relevância também como articulador e condensador de estratégias políticas internacionalistas e transnacionais. Este artigo tem como objetivo explorar a cultura política internacionalista presente no periódico em questão, incluindo uma análise da formação dos militantes envolvidos na construção e redação do jornal bem como de outros periódicos associados. A partir de uma bibliografia atual que ressalta o caráter transnacional na formação do movimento operário mundial e uma análise empírica do periódico, pretendemos contribuir com novas perspectivas para o estudo das articulações políticas e sindicais presentes na Primeira República no Brasil.

**Palavras-chave:** Imprensa operária; Internacionalismo; Anarquismo; Sindicalismo.

**Abstract:** The newspaper *A Plebe* was one of the most important communication vectors within striking manifestations in Sao Paulo at the end of the second decade of the twentieth century. A bias little explored by studies that have taken as the object is also its relevance as an articulator and condenser internationalist and transnational political strategies. This article aims to explore the internationalist political culture in this journal in question, including a careful analysis of the militants involved in the construction and writing of the paper and other journals associated. From a current bibliography that highlights the transnational training in the world labor movement and an empirical analysis of the journal, we aim to contribute new perspectives to the study of political and union joints present in the First Republic in Brazil.

**Keywords:** Working press; internationalism; Anarchism; Syndicalism.

No ano de 1917 um novo fôlego grevista tomou conta da cidade de São Paulo. As paralizações de duas fábricas têxteis do Cotonifício Rodolfo Crespi, buscando melhores condições de trabalho e salário, somado ao caráter repressivo das autoridades aos movimentos reivindicatórios urbanos que dariam fim à vida do militante anarquista e sapateiro José Martinez, representavam o início de uma onda reivindicativa de grande proporção. Na semana de 9 a 16 de julho, tais paralizações acompanhadas de intensas manifestações revelavam uma intensidade inédita, se alastrando posteriormente para cidades do interior paulista e outras regiões como o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul (LOPREATO, 1996, p. 20-38).

---

\* Mestrando em História - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, Campus de Guarulhos, São Paulo. Bolsista CAPES. E-mail: [kauanwillian09@gmail.com](mailto:kauanwillian09@gmail.com).

O episódio demonstrou a força prática dos sindicatos que se multiplicavam de maneira considerável nas últimas duas décadas, apresentando também formas de atuação mais sólidas que propiciavam o crescimento combativo entre os trabalhadores na cidade. Tais organizações tentavam ser articuladas sobre a Confederação Operária Brasileira (COB), fundada em 1906 no Rio de Janeiro. O Segundo Congresso Operário em 1913 reforçou o anseio para a coordenação do movimento operário em nível nacional sobre a forma de correspondência política com as federações locais (TOLEDO, 2007, p. 63-64). Esse novo caráter de combate marcava as falas dos militantes assíduos no interior desse movimento, experiência que foi condensada na criação do jornal *A Plebe*, escrito no calor das reivindicações de julho de 1917:

O clarim da liberdade ressoa por toda a parte chamando a postos os defensores da causa libertaria, da causa do povo. Do norte ao sul do Brasil, o movimento operário esta em plena atividade, cresce o número de sindicatos e associações de classe, bem como o número de aderentes. São frutos das últimas agitações. [...] Proletários! Uni-vos, agrupai-vos todos sob a mesma bandeira, certos de que a união vos dará a força e a vitória com a qual podereis quebrar para sempre a grilheta da miséria que nos escraviza (SOUZA, 1917, p. 02).

O periódico afirmava que a referida greve seria o resultado de eventos locais e conjunturais, como o crescimento das organizações sindicais a partir do início século XX – ações que tentavam se articular nacionalmente – e o aumento dos grupos militantes nesses, bem como a adesão de boa leva dos trabalhadores aos movimentos e associações que foram criadas.

Tais indícios contestam interpretações que julgaram a greve geral de 1917 e os acontecimentos em torno dessa como resultado de pressões essencialmente econômicas. Boris Fausto, por exemplo, ao rever os condicionamentos envolvidos pelo evento, não negligenciou a militância em torno dessa, mas atribuiu seu maior peso aos condicionamentos econômico-sociais, impulsionada pela Primeira Guerra Mundial desde 1914, primordial, nessa interpretação, para a eclosão do episódio em São Paulo (FAUSTO, 1977).

A historiadora Christina Lopreato, por sua vez, relativizou o suposto caráter inconsciente do evento, atribuído por pesquisas como essa. Na contramão, a autora adentrou os discursos e articulações políticas presentes na greve, revelando a agência de personagens que impulsionaram o desenrolar do evento. Nesse sentido, Lopreato afirma que é impossível negar a atuação marcante de militantes no interior do movimento operário desde o início do século XX, principalmente do movimento anarquista, que

apresentou substância e concretude de articulação muito maior, em relação as outras ideologias e movimento políticos no período, no intuito de organizar os trabalhadores contra os detentores dos meios de produção (LOPREATO, 1996, p. 01-20).

Problematizando tal análise, o historiador Luigi Biondi afirma que o evento foi resultado de múltiplos fatores e não pode ser visto nem como resultado direto de uma pressão econômica nem pela ação individual dos indivíduos que compunham essa realidade, mas pela mediação das duas instâncias (BIONDI, 2011, p. 315-326). A greve geral estaria intimamente ligada, de fato, com o contexto internacional econômico causando inflação nos gêneros de necessidade básica, influenciado pela Primeira Guerra Mundial. Não menos importante pela ação política de determinados grupos, que não podem ser compreendidas de maneira isolada, mas através das alianças entre anarquistas, sindicalistas e socialistas, com suas propagandas conjuntas e a construção de organismos trabalhistas mais sólidos, encaminhando o desenvolvimento das manifestações, essas últimas, em consonância com suas avaliações e interpretações particulares sobre os eventos mundiais que eram transformadas em propaganda política através de seus jornais.

De fato, como observado por Biondi, o ano de 1917 foi marcado por muitos movimentos reivindicatórios no mundo, como a greve de Turim na Itália e a Revolução Soviética na Rússia (BIONDI, 2011, p. 219-220). No entanto, como ressalta o pesquisador, um fator pouco ainda explorado pela historiografia que visa o movimento operário nesse período se refere ao caráter internacionalista presente na atuação dos próprios militantes do período. Os conflitos internacionais e as pressões econômicas avaliadas por muitos pesquisadores também não passaram totalmente despercebidas pelos agentes inseridos nesse contexto e foram instrumentalizados como propaganda política entre os trabalhadores para sua atuação e articulação nas manifestações e paralisações locais. Muitos personagens envolvidos nas greves tinham conhecimento prático dos acontecimentos internacionais e locais no desenrolar do evento e buscavam a harmonia entre essas duas esferas em sua atuação política, construindo uma diferença central no momento, almejando mobilizar seus ouvintes e leitores.

Para contar com essa posição, estamos nos referindo a uma das áreas de estudo responsável por revelar como os sujeitos históricos em suas trajetórias individuais, especialmente os que podem condensar projetos políticos e ideológicos, mesclam suas peculiaridades com dimensões maiores e transitam em meio ao um contexto social, político e cultural, resinificando tradições com necessidades e experiências maiores (SAMIS, 2009; ROMANI, 1998). O estudo desses indivíduos é essencial, não apenas

para evidenciar contradições dentro de um processo histórico, mas por serem *mediadores espaciais* responsáveis por disseminarem projetos políticos e ideológicos dentro de espaços diferentes, impulsionando as lutas classistas. O autor Mike Savage continua:

No lugar de inquirir quem é o mais importante, se é o local, se é o nacional, no caso de suas respectivas importâncias poderem ser pesadas e medidas, é melhor examinar não só as complexas interligações entre níveis espaciais distintos, mas também como mediadores espaciais – pessoas capazes de se moverem entre as escalas espaciais – podem vir a ter um papel-chave na geração de formas de mobilização política (SAVAGE, 2004, p. 42).

Os debates de pesquisas como estas, que abordaram grupos até então ignorados ou negligenciados evidenciam a questão colocada pelo historiador italiano Giovanni Levi. O autor mostra que a proposta da redução na escala de observação não deve negligenciar aspectos econômicos, sociais e culturais e necessitam estar preocupados em esclarecer lacunas deixadas pelas análises estruturais e conjunturais. Portanto, essa narrativa deve ter cautela em não se apropriar dos exemplos minoritários e transformá-los em generalizações, nem deve ocultar outras possíveis experiências (LEVI, 1992, p. 133-161).

O historiador Carlo Romani seguiu esse rastro na sua dissertação de mestrado e percorreu a trajetória do militante, redator e ativista anarquista Oresti Ristori. O foco em tal personagem que transitou entre a Itália, Argentina e foi um dos expoentes do anarquismo brasileiro, possibilitou evidenciar que a construção do movimento operário, bem como das ideologias no seu interior, através de alianças, congressos e debates entre os grupos esquerdistas (socialistas, anarquistas e sindicalistas), pode ter sido muito mais complexas que anteriormente pensado (ROMANI, 1998).

Tal perspectiva pode ser observada também na pesquisa do historiador Alexandre Samis que reduziu seu foco em um personagem histórico privilegiado em sua trajetória militante transnacional, sem ao mesmo tempo, deixar de lado questões maiores como as reivindicações de classe. A partir de um estudo minucioso e na construção da biografia do militante anarquista Neno Vasco e de suas articulações políticas, o autor considerou que a proposta sindical embora comum à maioria dos trabalhadores nas primeiras décadas do século XX, estava intimamente ligada a uma experiência internacionalista em detrimento ao avanço do capitalismo industrial e do fortalecimento do Estado Nação,

Advento este que – invocando E.P. Thompson ao referir-se à autoconstrução da classe – jamais poderia ser considerada como tal ou sequer existir, sem a presença de atores sociais, boa parte deles com credenciais ideológicas muito bem definidas (SAMIS, 2009, p. 260).

Para esses autores, portanto, experiências como estas eram cruzadas e forneceram o típico ambiente para a formulação do internacionalismo prático no desenrolar da greve de 1917. Os militantes instituíram a criação do *Comitê de Defesa Proletária* para coordenar a negociação entre os trabalhadores e proprietários. Esse organismo contava com a dianteira do militante Edgard Leuenroth, e de Gigi Damini, personagens que tinham contato com uma experiência transnacional militante ou que estavam envolvidos com estratégias ideológicas e políticas internacionais (TOLEDO, 2007, p. 58-62).

Antes da criação do periódico *A Plebe*, que impulsionava o organismo citado, um dos instrumentos comunicacionais desses personagens, o periódico *Guerra Sociale*, escrito em italiano com algumas colunas em português, apresentou um caráter transnacional desde sua fundação em 1915, visto que contavam com redatores nascidos na Itália, transitando em outros países da América do Sul. Além disso, o jornal sempre incluía, em sua argumentação política, os debates contidos nos congressos internacionais:

Após o Congresso de Zimmerwald, que tinha o objetivo de dar nova vida à 'International', os jornais anarquistas que ainda estão sendo publicados em nosso querido país, *O Libertário* de Spezia e o *L'avvenire Anarchico* de Pisa, apareceram escritos polêmicos e artigos críticos, dessa conferência e sobre os relatórios de exemplo que poderia correr entre anarquistas e socialistas (DAMIANI, 1916, p. 02. Tradução nossa).

No interior do jornal podemos acompanhar os comentários e posições dos anarquistas em relação a outros congressos e conferências como o *Congresso Anarquista de Amsterdã* em 1907 ou o *Congresso Internacional da Paz* em 1915 (SAMIS, 2009, p. 91-100). O periódico seguiu essa tendência desde a eclosão dos conflitos mundiais trazidos desde 1914. Nesse caso, tentavam explicar que os danos militares foram consequência da expansão nacionalista, estas conectadas principalmente com o avanço capitalista que, para os redatores, deveriam ser superados em consonância:

Mau grado os hinos patrióticos, os arroubos da eloquência nacionalista, e os entusiasmos cívicos, percebe-se entre a bruma dessa propaganda, aparentemente desinteressada, o fato real e sensível que nos demonstra ser o exército uma instituição ao serviço dos grandes capitalistas, servindo de garantia a exploração e a espoliação por eles exercida de uma forma desenfreada, repelindo, à baioneta e à bala, as reclamações dos explorados. [...] Lutemos titanicamente em prol da vitória da nossa causa, que é a causa da liberdade, da justiça e da civilização (SOARES, p. 03).

No mesmo número, o jornal apresentou uma página anexa, com uma grande chamada intitulada “*Per la nostra guerra e per la nostra pace*” no qual reforçava a preocupação com trabalhadores e grupos subalternos que, sobre a observação dos redatores, sofriam com as crises e os conflitos entre nações. Longe de apenas observar o andamento dessas guerras, os redatores tentavam criar medidas de militância que misturavam seus ideários anti-imperialistas com sua atuação local e sindical, criando organismos com duas finalidades diferentes. Os primeiros seriam destinados a própria luta material, a partir do *Comitê de Agitação Proletária*, incumbido de articular as ligas sindicais no interior das paralizações e manifestações. O outro seria essencialmente ideológico, a fim de condensar os grupos anarquistas visando ações coesas no interior dos demais espaços. Essa última experiência circulou na construção da *Aliança Anarquista* que era justificada pelos redatores:

Com relação ao movimento de classe, a Aliança favorecerá o desenvolvimento das organizações econômicas de resistência dos operários das cidades e dos trabalhadores rurais ou colonos, onde não existam, elaborando para este fim um programa especial, subordinando, porém, a sua intervenção e ação à propaganda integral do anarquismo. Na Aliança Anarquista as iniciativas que foram lançadas, quer na capital, quer no interior, encontrarão o necessário auxílio na solidariedade geral, ou particular dos grupos que com elas estiverem de acordo. Os grupos aderentes à Aliança gozarão da mais ampla autonomia e se houver uma caixa única, esta será unicamente para auxiliar os presos por questões sociais. Todos os grupos ou centros concorrerão com uma mensalidade para as despesas da comissão de correspondência.

Nos lugares onde não for possível organizar grupos, os camaradas poderão comunicar individualmente a sua adesão à Aliança, por intermédio da comissão de correspondência. Julgamos que os motivos determinantes desta iniciativa tendente à união dos libertários em grupos ou centros de ação e de propaganda, e à organização destas entidades numa vasta federação, com o fim de estreitar relações e tornar possível a nossa ação simultânea, são bastante poderosos para despertar o interesse, provocar a adesão e a atividade de todos os companheiros, de todos os que sintam realmente o ideal libertário e saibam agir de acordo com os seus sentimentos e ideias (DAMIANI, 1916, p. 03).

Esse tipo de mediação na trajetória no movimento operário na cidade nunca foi tão equilibrado. Mas talvez essa situação tenha mudado pela própria experiência que alguns de seus redatores estavam absorvendo durante esse tumultuado período. Assim, as iniciativas abordadas pelo jornal refletiam a ascensão militante, cada vez mais ativa do anarquista Gigi Damiani, um dos principais colaboradores do periódico. Sua trajetória política começou na década de 1890 na cidade de Roma, onde obteve um contato inicial tanto com a ideologia anarquista, principalmente através dos rastros de Errico Malatesta, mas também com os principais debates estratégicos sindicais na região. Após uma fuga por razões de perseguição política, Damiani foi para São Paulo, onde permaneceu no período entre 1897 e 1902 e entre 1909 e 1919. O militante também atuou de maneira considerável na organização operária em Curitiba entre esses anos (BIONDI, 2006, p. 160-161).

Gigi Damiani foi assíduo na propaganda de inspiração revolucionária, com articulações políticas que tentavam unir grupos de diferentes inspirações ideológicas ou estratégicas, e até mesmo debates e cooperações de âmbito transnacional. Atuou em difusos periódicos como o *La Battaglia* e *O Amigo do Povo*, colaborando com grupos do Rio de Janeiro e do interior de São Paulo, e se ocupando das atividades culturais pelos grupos *Filodramático Libertário* e da *União dos artífices em calçados* (OLIVEIRA, 2001, p. 114-130). Nestes, o personagem havia tido contato com militantes da Itália, Argentina e Portugal com quem mantinha estreita relação. Sua atuação foi repercutida na cidade, especialmente a partir de 1911, ano no qual Damiani se une aos redatores Edgard Leuenroth e Benjamin Mota na publicação de *A Lanterna*, onde também continuava com relações entre militantes internacionalistas como Neno Vasco (BIONDI, 2006, p. 164). Na segunda década do século XX, o militante também estava envolvido com os periódicos *A Plebe* e *Alba Rossa*, com intensos debates com jornais sindicalistas e socialistas como o *Avanti!* e igualmente com diversas manifestações e greves. Para Luigi Biondi, sua íntima relação com

o ambiente industrial paulistano o leva a definir a greve como arma necessária. Brás, Mooca, Barra Funda já não são mais bairros de pequenas oficinas, como ele os conheceu ao chegar ao Brasil. Fábricas de médias e grandes dimensões surgiram, e as casas modestas da década de 1890, menos densamente povoadas, foram substituídas por conjuntos de prédios e cortiços lotados, semelhantes às edificações de San Lorenzo, onde ele começou sua militância (BIONDI, 2006, p. 163).

Dessa forma, Gigi Damiani representava, de maneira exemplar, um personagem que transitava entre os militantes das mais variadas estratégias, dos ambientes sindicais e com respaldo social de diversos níveis, absorvendo experiências e práticas transnacionais e acumulando uma trajetória que o deixava, no momento, em posição especial de articulação e mediação. Seu contanto crescente com os anarquistas da fileira organizadora juntamente com sua vivência nos espaços industrial resultou no crescimento de sua atenção em relação às discussões anarquistas sindicalistas levadas a cabo principalmente após as últimas décadas do século XIX, (SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der, 2009, p. 45-46) como evidenciado nas falas do ativista Mikhail Bakunin:

A Aliança é o necessário complemento da Internacional. Mas a Internacional e a Aliança, ainda quando têm a mesma finalidade, ao mesmo tempo perseguem objetivos diferentes. Uma tem a missão de agrupar as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através dos diferentes países e nações, através das fronteiras de todos os estados; a outra, a Aliança, - tem a missão de dar a estas massas uma orientação realmente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem que de modo algum sejam opostos, são diferentes pelo grau de seu respectivo desenvolvimento. O da Internacional, se o tomamos com toda a seriedade que exige o caso, contém em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do programa da Internacional (BAKUNIN, 1989, p. 44).

Assim como a ASD (Aliança Internacional da Democracia Socialista) proposta por Bakunin no interior da Internacional, a *Aliança anarquista* de São Paulo tinha o mesmo objetivo, aglutinar programas revolucionários com densidade suficiente para impulsionar a luta e possivelmente uma transformação efetiva, mas, do mesmo modo, respeitando a neutralidade ideológica dentro dos sindicatos.

Nesse sentido, usavam uma militância dupla, dentro e fora dos sindicatos, por um lado fortalecendo a ideologia anarquista em grupos internos ou redes ativistas, de outro, agrupando os trabalhadores sobre associações operárias de caráter aglutinador, como instrumento de classe. Para muitos anarquistas, o sindicato teria um destino reformista, e por mais que fosse necessário para garantir condições mínimas para os trabalhadores, necessitava de complementos para alimentar seu caráter insurreto. Essa foi uma poderosa tendência seguida pelos militantes nas primeiras décadas do século XX, no qual, em uma observação empírica, estavam envolvidos com a construção do sindicalismo revolucionário em muitos casos no mundo, até o fim da Primeira Guerra Mundial (SAMIS, 2009, p. 260-261).

O jornal *Guerra Sociale* teve uma breve experiência de um pouco mais de dois anos e dificuldade de se manter pela constante repressão e empecilhos para conseguir contribuições financeiras. No entanto, alguns de seus redatores deixavam também suas contribuições e experiências organizativas em outros órgãos, como na criação do jornal *A Plebe* em 1917:

Vai dando os seus resultados benéficos o trabalho de metodização do movimento libertário que há algum tempo se vem executando em São Paulo, no interior e em outros pontos do Brasil. Com grande satisfação constatamos isso, pois é uma obra cuja necessidade há muitos anos se fazia sentir. A nossa propaganda vai, talvez, para mais de duas décadas que aqui se faz, com alguma intermitência, seguida, de quando em quando, de agitações populares ou de movimentos obreiros; até agora, porém, não se havia tentado dar corpo a esse movimento, coordenando os esforços, organizando os elementos dispersos aqui e ali, privados dos bons resultados consequentes da ação conjunta.

Esse é o trabalho que agora se está tratando de levar a cabo, já se tendo a prova de que, com esforço e perseverança, bastante se poderá conseguir nesse sentido [...] E o que mais constitui motivo de animação é o apoio que vai recebendo, embora lentamente, como é natural, devido às causas acima expostas, a *Alliança Anarchista*, constituída, não há muito tempo, em São Paulo, com o fim de servir de traço de união entre as nossas diversas agrupações e os camaradas dispersos por ali além. São bons sintomas de um necessário e urgente despertar. Entretanto, muito mais se poderá conseguir, se todos os libertários que são bastante numerosos, se dispuserem a fazer algo, e desenvolver um pouco mais de atividade (LEUENROTH, 1917, p. 02. Grifo nosso).

Dessa forma é no periódico *A Plebe*, apontado pela bibliografia como o principal instrumento de comunicação nas greves de 1917 a 1920 (LOPREATO, 1996, p. 26-27; GONÇALVES, 2004) que também podemos assistir uma das maiores tentativas de junção entre o uso de projetos políticos de inspiração transnacional, como o próprio anarquismo e suas estratégias aliancistas, e ao mesmo tempo preocupados na própria dinâmica e necessidades do movimento operário local, considerado nacionalmente como evidenciado nas falas dos redatores.

No entanto, para o suposto sucesso desse periódico e de suas estratégias era necessário muito mais do que a retomada simples de propagandas e programas. Longe de apresentar propostas espontâneas e estanques da realidade, os militantes envolvidos no jornal percebendo uma movimentação grevista cada vez maior nos ambientes trabalhistas e nas reuniões que participavam, lançaram estrategicamente o referido periódico:

A *Plebe* como facilmente se verifica é uma continuação da *A Lanterna*, ou melhor dizendo, é a própria *A Lanterna* que atendendo a excepcionais exigências do momento gravíssimo, como nova feição hoje ressurgiu para desenvolver a sua luta emancipadora em uma esfera de ação mais vasta, de mais amplos horizontes, com um integral programa de desassombroso combate a todos os elementos de opressão que sujeitam o povo deste país, como o de toda a terra, a odiosa sociedade vigente, alicerçada por toda a sorte de misérias e de violências (LEUENROTH, 1917, p. 01).

Para justificar o início de suas publicações, o militante estava se referindo ao jornal *A Lanterna*, órgão famoso por reunir variados tipos de leitores e redatores como socialistas, espíritas, maçons e anarquistas. Esse caráter se dava pela crítica densa ao suposto caráter exploratório da Igreja Católica que unia tais grupos na tentativa de mostrar os abusos sofridos pela classe trabalhadora por essa instituição. Em 1909, Leuenroth assume a redação de *A Lanterna*, que anteriormente contava com a direção do advogado, livre pensador e posteriormente anarquista Benjamim Mota (SANTOS, 2013, p. 125-129).

Leuenroth continuou as críticas anteriores, mas progressivamente ampliava notícias de pautas operárias transformando a ação direta e a orientação grevista como principal vetor do jornal. De um lado, continuando suas críticas, não distanciava os anticlericais em geral da leitura, de outro, aproveitando que *A Lanterna* tinha bom alcance, ampliava sua propaganda política pela causa operária, esperando mobilizar politicamente seus leitores.

Leuenroth vinculou intimamente sua trajetória entre o jornalismo e o movimento operário. Nasceu em 1881 na cidade de Mogi Mirim, interior de São Paulo, filho de um farmacêutico e imigrante austríaco. Aos cinco anos de idade, após o falecimento de seu pai, mudou-se com sua mãe e irmãos para a capital. Passando por dificuldades financeiras, abandonou os estudos para trabalhar. Com 15 anos iniciou sua trajetória como tipógrafo para o periódico *O Comércio de São Paulo* obtendo contato com o jornalismo e aos problemas sociais da capital. Um ano depois, fundou seu primeiro jornal chamado *O Boi*, anticlerical e que apoiava o livre pensamento. Mais tarde, em substituição deste, fundou *A Folha do Brás*, ampliando suas críticas aos problemas envolvendo os trabalhadores no bairro onde residia. Foi também fundador de diversas entidades vinculadas à imprensa como o *Centro Typographico de São Paulo*, a *União dos Trabalhadores Gráficos*, a *Associação Paulista de Imprensa* e a *Federação Nacional da Imprensa*. Daí em diante passou sua contribuição a toda a cidade e teve seu contato com militantes anarquistas com quem publicava diversos periódicos como *O*

*Alfa, A Terra Livre, A Lucta Proletária, A Guerra Social, O Povo, A Capital, e outros* (NOBRE, 1987, p. 110-120).

Acompanhando a trajetória de Leuenroth é notório observar que seu ativismo sempre absorveu às pautas dos trabalhadores, ao mesmo tempo, contando com a experiência de importantes militantes anarquistas internacionalistas como Neno Vasco e Gigi Damiani. Assim obteve um bom contato com essa ideologia e com os debates internacionais socialistas, fato perceptível desde os primeiros periódicos com que estava envolvido. Com efeito, tinha consciência empírica tanto dos problemas dos trabalhadores em suas pautas de reivindicações quanto com as propostas dos anarquistas em nível global, naquele momento (BIONDI; TOLEDO, 2010, p. 364-365).

Em sua atuação marcante em *A Lanterna*, Leuenroth criou a coluna *Vida Operária* em 1911, transformada mais tarde em *Mundo Operário*, mesmo título apresentado no jornal *A Plebe*. Esta era destinada a discutir e noticiar os problemas envolvendo trabalhadores bem como suas pautas em greves e reivindicações. Tal fato fez com que o periódico ganhasse mais importância em meio ao operariado. Observe o tom de urgência que o militante e redator expõe na nova fase do periódico:

Urge, portanto, que os interessados, os trabalhadores e o povo em geral se agitem em defesa dos seus interesses, única maneira de serem respeitados os seus direitos à vida. [...] É necessário agir prontamente, vir à praça pública protestar contra este insustentável estado de coisas (LEUENROTH, 1913, p. 03).

Leuenroth não almejava romper com os antigos leitores do periódico, mas trazer e agregar diversas críticas contra a dominação e exploração dentro de um contexto preciso. Também queria conquistar novos leitores e reformular o periódico considerando condições efetivas de militância. Por isso é interessante observar em sua nova fase a gradativa inserção da luta sindicalista do periódico:

E afirmando os seus direitos, como membros uteis e produtivos da sociedade, a uma existência mais equitativa, dirigem um caloroso apelo a toda a classe operária para que se organize com o fim de defender os seus direitos e conquistar a sociedade onde todos trabalhem para que seja garantida a todos e a cada um dos membros da coletividade humana o necessário à sua existência (LEUENROTH, 1914, p. 03).

A coluna foi assinada pelos sindicatos, operários de ofício e de pedreiros, pela *União de Chapeleiros*, pelo *Centro Socialista Internacional* e pelo jornal *Avanti!*, pelo

*Centro libertário de São Paulo, Grupo Libertário da Lapa* e o periódico anarquista *La propaganda Libertária*. Tal fato é uma grande evidência de que o jornal *A Lanterna*, a partir dessa nova fase, não se resumia à crítica religiosa específica, mas apresentava uma militância operária cada vez mais evidente, com associações de orientações políticas diversas e experientes entre os trabalhadores, locais e internacionais.

Essas estratégias e experiências foram essenciais para a criação e sucesso do jornal *A Plebe* dentro da greve de 1917. Sua inserção no movimento operário local articulando ligas e sindicatos de diversas orientações ideológicas e sua mediação com militantes de outros países, transformou tal órgão em um polo essencial de aglutinação dos principais projetos políticos dentro da greve geral. Dentro desse, igualmente, os trabalhadores poderiam se informar sobre pautas de negociações, locais para reuniões e notícias de iniciativas repressivas como prisões e mortes de outros militantes e trabalhadores:

Convidamos, portanto a todos os operários e operárias adultos e menores e ao povo em geral a comparecer ao grande comício a realizar-se domingo, 24 do corrente dia, ás 6 horas da tarde no largo São José (Belenzinho) para demonstrar que os operários grevistas não estão sós, que podem contar com o concurso de todas as classes trabalhadoras, de toda a população proletária. Companheiros: Este comício, com a presença de todos, deve ser um verdadeiro expoente da solidariedade operaria, de todos os que tem sentimentos de justiça e aspirações de liberdade. Viva a solidariedade operaria! Vivam as reivindicações populares! A Comissão Organizadora (LEUENROTH, 1917, p. 03).

A leitura das fontes e da bibliografia aponta que tais estratégias de organização contidas entre o grupo militante em torno do periódico *A Plebe* eram frutos de experiências e práticas políticas anteriores à sua confecção, como a organização da Federação Operária de São Paulo em 1905 e do Congresso Operário Brasileiro em 1906 (ROMANI, 1998, p. 153). No contexto de mobilização dos trabalhadores em 1917, as estratégias encontradas nos interiores desses organismos se fortaleceram novamente graças também aos debates e associações de diversos outros grupos militantes inclusive de outros países, como apontado anteriormente (SAMIS, 2009, p. 91-100).

*A Plebe* apresentou sua primeira edição em 09 de janeiro de 1917 e foi encerrado oficialmente apenas em 1949, saía possivelmente aos sábados e continha quatro páginas. O jornal viveu uma história atribulada, apresentava dificuldades financeiras por ser produto da ação de voluntários e era alvo constante de perseguições policiais. Tais fatores fizeram com que, muitas vezes, cessasse sua circulação por determinados

períodos de tempo. O periódico contava inicialmente com recursos dos próprios redatores, mas, mais tarde, adotou a coleta de donativos voluntários como estratégia alternativa. Em outro momento, precisava se manter com recursos próprios e dependia diretamente dos grupos de bairro, dos sindicatos e de garantir o número de assinaturas suficientes para se editar o jornal. Como resultado de seu esforço e articulações, em 1919, *A Plebe* contava com a tiragem de dez mil exemplares semanais (SILVA, 2006, p. 119-120).

Para garantir sua atuação no movimento operário local, mas também seu intercâmbio em outros países, o periódico contava com a ajuda de Gregório Nazianzeno de Vasconcelos (nome verdadeiro de Neno Vasco). Nascido em Portugal, no ano de 1878, com oito anos de idade vai para São Paulo com sua família. Anos depois, volta para seu país de origem para concluir seus estudos como bacharel em direito. Em 1900, inicia sua atividade militante denunciando as arbitrariedades da polícia e escrevendo para periódicos republicanos, se aproximando de círculos socialistas e anarquistas. Com sua volta a São Paulo, em 1901, dessa vez mais próximo dos ideais libertários, como as constantes referências de Errico Malatesta, assume uma função assídua entre os grupos anarquistas e operários. Daí em diante, Vasco passou a apoiar o sindicalismo como tática importante entre os anarquistas para a construção de uma nova ordem. Para ele, era um erro separar o anarquismo do movimento operário bem como tentar dissociar a união dos dois movimentos. Vasco escreveu em sua obra:

Se procurarmos, não as origens filosóficas do ideal anarquista, nem a filiação do sentimento libertário nas revoltas e aspirações populares do passado – porque isso perde-se vagamente na noite dos tempos – mas sim no aparecimento dum movimento anarquista definido, do anarquismo operário com todas as características essenciais que tem hoje, vamos encontrá-lo sindicalista antes do termo, no seio da Internacional e das associações internacionais que Bakunin foi o principal inspirador, fundindo e vivificando as ideias marxistas com o pensamento de Proudhon e dos socialistas franceses (VASCO, 1984, p. 75).

Como tática indispensável e historicamente situada, o movimento anarquista deveria se associar com os movimentos trabalhistas. Visando a propaganda libertária, Vasco participou da edição do periódico *O Amigo do Povo*, em 1902, no qual teve papel de relevo. Tal periódico foi um dos mais importantes jornais anarquistas até então, que abria uma discussão com o movimento operário, influenciando e participando de muitas reivindicações do período (TOLEDO, 1994, p. 48-53).

Em *A Plebe*, Leuenroth foi também influenciado por esse militante à medida que

também apoiava o diálogo real entre anarquismo e movimento operário e da mesma maneira participava em reivindicações do período. Através de correspondências, Leurenroth pedia conselhos para Vasco, que anos antes havia militado em São Paulo, mas havia regressado para Portugal. Antes de morrer, em 1920, contribuiu em diversos números de *A Plebe*, como a coluna *De porta da Europa* assinada por Vasco por meio de correspondência. As notícias do movimento operário na Europa chegavam a partir de um prisma revolucionário:

Os grevistas falam francamente em *guerra de trabalho*; e com igual franqueza os diretores da indústria declaram não ceder por uma questão de princípio. Estamos chegados – proclama um deles – a um momento, na história da humanidade como na das nações, em que não é possível continuar no sistema das concessões, mas sim entregarmos à sorte das grandes batalhas (VASCO, 1911, p. 01).

Ressaltando que a exploração nos ambientes de trabalho e o conflito de classes acontecia em outras regiões, os redatores em torno do periódico *A Lanterna* e mais tarde em *A Plebe* tentavam mobilizar seus leitores sobre o prisma de um ideário operário internacionalista. Para isso, também mostravam e mobilizavam, para efeitos de propaganda, exemplos práticos de mobilizações e reivindicações fora de seu território:

Na Rússia triunfou o princípio, a ideia, demonstrando ao mundo o que se pode fazer quando há uma vontade ao serviço da justiça. Não se apagou na Rússia o fogo sagrado, símbolo de reivindicações. Estrela fulgurante, raio vivíssimo de luz, porque os lutadores o alimentaram com a sua liberdade e com a sua vida, oferecendo o belo exemplo de serem mártires espontâneos. Um povo em revolta é um povo forte que nada e ninguém pode abater, sim as suas aspirações se baseiam nos princípios da equidade social (LEUENROTH, 1917, p. 01).

Mesmo que divergindo de alguns princípios ideológicos, é possível observar que os redatores de *A Plebe* usavam o exemplo da Revolução Russa para criar pontes, mesmo que imaginárias entre os trabalhadores de São Paulo e do restante do mundo, mostrando que era possível reivindicações e ganhos reais por parte da classe operária contra os supostos exploradores (TOLEDO, 2007, p. 67-69).

Se, em muitos casos, os apelos eram para uniões entre a classe proletária sobre um espectro internacionalista, que apoiaria reivindicações para seus interesses, os mesmos esforços eram usados para tentar barrar os possíveis apoios aos conflitos derivados da Primeira Guerra Mundial. Nessa empreitada tentavam explicar que esses acontecimentos não só dividiam os interesses dos mais desprovidos, mas estariam

ligados ao próprio funcionamento do sistema capitalista industrial:

Quando dizemos estado, homem pobre, não nos referimos somente ao mundo oficial, mas, também, ao alto comércio, e aos detentores do capital, porque é da reunião de ambos, e do prestígio que reciprocamente se prestam que resulta a autoridade em virtude da qual trabalham para sustentar os que inutilmente trabalham também, e os que passeiam ou dormem. Pois bem: o que parece lógico, o que seria equitativo, a verdadeira caridade a praticar-se na hora presente, seria, primeiro que tudo, um movimento geral de protesto, por parte de todas as nações do mundo, contra a impiedade, a barbaridade, a monstruosidade da guerra que ora devasta alguns dos países mais poderosos da Europa, e a cujos povos tanta conquista útil devemos (PEREIRA, 1917, p. 03).

Com certeza, essa inclinação e a constante propaganda que se utilizava dos ideários internacionalistas e anti-imperialistas davam um tom central ao próprio movimento operário na cidade, que naquele momento vivenciava algumas consequências da expansão da guerra (FAUSTO, 1978). Essas campanhas e denúncias eram finalizadas com suas propostas visando essa superação:

E caso não sejamos atendidos, se não conseguirmos deter a ganha reacionária de nossos inimigos, devemos levar a luta até às suas últimas consequências, não nos restando outro recurso senão pregar a greve geral. Avante, pois! (ALBA, 1919, p. 02).

Por essas e outras tentativas de mobilização, como adiantado pelo próprio jornal, os militantes em torno do movimento operário sofriam constantes repressões do aparelho estatal ligado ao avanço político dos grupos detentores da produção industrial e agrícola (OLIVEIRA, 2001, p. 70-71). De fato, essas medidas tiveram seu amparo legal em 1907 com a lei de expulsão dos estrangeiros (Adolfo Gordo), alegando que essa seria uma maneira de expulsar criminosos e agitadores das cidades brasileiras de volta para seus lugares de origens, mas que na verdade era uma tentativa de desarticulação do ambiente sindical, no qual, de fato, havia muitos imigrantes (DALVA, 2009, p. 459-460). A partir de 1912 as leis para a permanência de estrangeiros no país também foram mais rígidas, bem como o aumento de tentativas de expulsão (OLIVEIRA, 2009, p. 224). Não obstante, essas iniciativas também eram combinadas com a arbitrariedade da polícia no período, que pressionados pelos grandes industriais afetados pelas reivindicações, invadiam constantemente as sedes dos jornais e dos organismos sindicais, empastelando tais órgãos e prendendo também líderes brasileiros, acusando-os de subversivos à ordem vigente. Essa situação foi sofrida pelo militante Edgard

Leuenroth, tido como principal articulador da greve geral de 1917 pelas próprias autoridades (LOPREATO, 1996, p. 116-126).

Como resposta, é perceptível em 1919, dentro de um contexto de intensa repressão sobre o movimento operário (CAMPOS, 1986, p. 25-65), o periódico em questão reforçou não apenas o desejo da união de todos os anarquistas, mas de todas as tendências ideológicas e políticas entre os trabalhadores. Tal tática de propaganda, surgida desde a fundação do jornal, tomou forma e contornos mais precisos quando Damiani escreveu:

Será possível a concentração de todas as forças proletárias para um fim único de imediato alcance? Anarquistas, socialistas, sindicalistas poderão constituir um único organismo revolucionário sem que haja na luta dispersão de energias ou esforço contraditório?

Sim, é possível, desde que não haja equívocos. Ontem era lícito discutir sobre parlamentarismo, salários mínimos, propaganda pelo fato, ação direta e insurrecionalismo. E era lícito, também traçar contornos indefinidos de uma sociedade longínqua. [...] Hoje o problema é bem diverso. Passou-se a época dos discursos e chegou a hora dos fatos. Anarquistas, socialistas, sindicalistas somos todos pela socialização imediata da propriedade. E se o somos todos hoje, não vamos agora discutir porque ontem não o éramos todos. Seria ocioso. Hoje a um ponto, e essencial, no qual anarquistas e socialistas (refiro-me aos socialistas que creem no socialismo e não nos cataplasmas em pernas de pau) encontramos-nos sob o mesmo ponto de vista (DAMIANI, 1919, p. 04).

É certo que essa mesma heterogeneidade de táticas e o distanciamento de muitos grupos estava inclusive dentro de sua família política fato que levava o enfraquecimento de seus vetores de fins ideológicos e seus projetos aliancistas, que foram deixados devido a necessidade de reconstruir novamente órgãos que aglutinassem variados tipos de grupos políticos e revolucionários para ações essencialmente econômicas, como é possível observar no trecho destacado. Talvez esse foi o maior dilema dos redatores envolvidos no periódico *A Plebe*, mobilizar a união de diferentes tipos de militantes e trabalhadores e ao mesmo tempo se manter fincado na orientação política que o referenciava.

De toda maneira, as palavras de Damiani no interior de *A Plebe*, podem trazer também à tona o anseio para a construção de uma identidade operária internacional, tentando barrar a emergência dos nacionalismos que marcariam profundamente a divisão da classe operária e a conseqüente desorientação da resistência contra a expansão do capitalismo, fenômeno igualmente global (LINDEN, 2013, p. 9-27).

## Referências

- ALBA, Cristovão. Defendamos os nossos camaradas presos. *A Plebe*, 5/4/1919. Arquivo Edgard Leuenroth.
- BAKUNIN, Mikhail. *Escrito contra Marx: conflitos na Internacional*. Brasília: novos tempos, 1989.
- BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- \_\_\_\_\_; TOLEDO, Edilene. Constructing Syndicalism and Anarchism Globally: the transnational making of the syndicalist movement in São Paulo, Brazil, 1895–1935. In: HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (Org.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution*. Leiden, Brill, 2010, p. 363-394.
- \_\_\_\_\_. Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (Org.). *História do Anarquismo no Brasil* (volume um). Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 159-179.
- CAMPOS, Cristina Hebring. *O Sonhar Libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. São Paulo/Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- DALVA, Marília Canovas. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2009.
- DAMIANI, Gigi. Alleanza Anarchica. *Guerra Sociale*, 9/9/ 1916. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. Alleanza Anarchica. *Guerra Sociale*, 30/9/1916. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. I Cugini d'Italia. *Guerra Sociale*, São Paulo, 1/5/ 1916. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. Pela concentração dos partidos proletários. *A Plebe*, 29/03/1919. Arquivo Edgard Leuenroth.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977.
- GODOY, Clayton Peron. *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LEAL, Claudia. F.B. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.
- LEUENROTH, Edgard. *A Lanterna*, 22/ 8/1914. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. A alvorada da esperança. *A Plebe*, 28/07/1917. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. A liga popular contra a carestia de vida. *A Lanterna*, 19/4/1913. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. Mundo operário. *A Plebe*, 23/ 06/ 1917. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. Rumo à revolução social. *A Plebe*, 9/ 6/1917. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. Vida libertária. *A Plebe*, 9/ 6/ 1917. Arquivo Edgard Leuenroth.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 113-162.
- LINDEN, Marcel van der. *Trabalhadores do Mundo: Ensaios para uma história global do trabalho*. São Paulo: Campinas, Editora da Unicamp, 2013.
- LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Tese (Doutorado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

- NOBRE, Freitas. Leuenroth - personagem que escreve. In: \_\_\_\_\_. *A organização dos jornalistas brasileiros - 1908-1951*. São Paulo: Com Arte, 1987.
- OLIVEIRA, Antoniette. *(Des) fazer-se, (Re) viver... a (des)continuidade das organizações anarquistas na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2001.
- OLIVEIRA, Tiago. *Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.
- PEREIRA, Nathanael. Hora Propícia. *A Plebe*, 30/6/1917. Arquivo Edgard Leuenroth.
- ROMANI, Carlo. *Oresti Ristori: Uma aventura anarquista*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.
- SAMIS, Alexandre. “*Minha pátria é o mundo inteiro*”: Neno Vasco, anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.
- SANTOS, Kauan Willian dos. Anticlericalismo e militância sindical: o periódico anarquista *A Lanterna* e sua ação entre os trabalhadores em São Paulo (1901- 1914). *Revista Eletrônica Discente História.com*, v. 2, p. 116-130, 2013. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/119>. Acesso em: abr. 2013.
- SAVAGE, Mike. Classe e História do Trabalho. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 25-48.
- SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.
- SILVA, Rodrigo Rosa da. As ideias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945). In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (Org.). *História do Anarquismo no Brasil* (volume um). Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 113-162.
- SOARES, Primitivo. O sorteio militar obrigatório. *Guerra Sociale*, 20/09/1916. Arquivo Edgard Leuenroth.
- SOUZA, Vieira de. O proletariado. *A Plebe*, São Paulo, 11 /08 /1917. Arquivo Edgard Leuenroth.
- TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 53-88.
- \_\_\_\_\_. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1994.
- VASCO, Neno. Da porta de Europa. *A Lanterna*, 16/09/1911. Arquivo Edgard Leuenroth.
- \_\_\_\_\_. *Concepção anarquista do sindicalismo*. São Paulo: Edições afrontamento, 1984.
- VENZA, Claudio. O Anarco-Sindicalismo Italiano Durante o “Biennio Rosso” (1919-1920). In: COLOMBO, Eduardo (Org.). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004, p. 205-224.

Artigo recebido em: 31/08/2014. Aprovado em: 15/10/2014.